

SALOMÃO FERRAZ

A FÉ NACIONAL

Com introdução pelo Dr. Manuel
Carlos de Figueiredo Ferraz, Ministro
do Tribunal de Justiça e Procurador
Geral do Estado de São Paulo.

1932



O. S. A.

CAIXA POSTAL 2415 - SÃO PAULO

III

O Reino Espiritual

O ESPIRITO DE REVERENCIA
A SE'DE SUPREMA
SUPERSTIÇÃO E FÉ
RELIGIÃO ESPIRITUAL
SACRAMENTAL
A COVA DOS LEÕES
SEMANA SANTA

“A QUI não pôde haver grego
nem judeu, circuncisão nem
incircuncisão, barbaro ou cita, escravo
ou livre, mas Cristo é tudo e em
todas as cousas.”

Colossenses III : 11.

O Espirito de Reverencia

O HOMEM realmente livre, que não se deixa escravizar pelos accidentes da vida, mas a eles sobrepõe-se, plasmado-os com uma vontade forte e bem dirigida, é aquele que se deixa empolgar por um grande ideal. E os grandes idealistas, que merecem mencionados como tais, nem por isso foram menos praticos.

Moisés foi, sem duvida, um grande idealista, mas não lhe faltaram energias para correr com os pastores insolentes e brutais que maltratavam, em Madiam, frageis pegureiras junto ao poço, e nem lhe mingou capacidade pratica para organizar, reger e conduzir um povo através de uma longa e acidentada itinerancia.

Verdadeiro idealista é aquele que sabe trazer para as realidades praticas e concretas do viver de cada dia os eternos principios de retidão, de justiça, de bondade, amor e fé.

Porém o feitio predominante do carater de Moisés era o seu espirito de reverencia, que não deve ser confundido com o medo supersticioso. A superstição é resultante da ignorancia; a reverencia é o fruto das almas que meditam profundamente sobre os misterios da vida e do ser.

A attitude do legislador hebreu, na visão da sarça ardente, escondendo o seu rosto para não olhar para Deus, define perfeitamente este aspeto basilar do seu espirito.

Os madianitas, e as tribus nomades que percorriam aquelas regiões montanhosas sem outro objetivo que

os simples proventos temporais, nunca teriam visto qualquer manifestação extraordinária naqueles sitios. Só enxergavam ali rochas escarpadas, pastagens, torrentes e areias adustas e desertas. Mas ao grande servo de Deus foi conferida uma visão imperecível, qual a que tiveram os seus inclitos antepassados, Abraão, Isac e Jacó.

Este mesmo espirito de reverencia é o que constitue o fundamento da religião de Cristo em sua íntima estrutura.

Sem ele, a religião se degenera em um pretencioso intelectualismo, raso, estéril, enervante, ou em méro emocionismo divorciado de principios morais e atividades proficuas.

O espirito de reverencia assume, na sua objetivação, varias formas. As atitudes íntimas reclamam correspondente expressão externa, e a simples expressão externa, usada com espirito sério, provoca atitudes interiores reverentes, saudáveis e masculas.

Moisés, na visão de Horeb, ouviu uma voz que lhe dizia: "Tira os sapatos dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa". E ele, obedecendo, não ousa aproximar-se daquele sitio de um modo irreverente. Ao Senhor certamente pertence a terra e toda a sua redondeza; porém aquele pequenino trato de sólo era, agora, um sitio particularmente sagrado, porquanto nele Jeová se manifestava de um modo todo especial.

Todos os dias da semana pertencem, de certo, a Deus — "seu é o dia e sua é a noite" — mas ha um dia singularmente sagrado em que os pensamentos se devem volver de um modo integral para Deus e as realidades eternas, subordinando a este alto interesse todos os mistéres comuns da vida.

Tratar, pois, com respeito o Domingo, o Dia do Senhor, dando nele o tempo necessario para os exerci-

cios espirituais e as obras mais de perto relacionadas com o divino idealismo que deve marcar a nossa vida, é proceder com acerto e discrição.

Um domingo profanado com negocios ordinarios e dispensaveis, ou com diversões futeis, em prejuizo das saudáveis devoções em que devem nesse dia estuar as almas crentes, é um dos maiores males que podem sobrevir ao individuo ou ás coletividades humanas.

Ha portanto toda a razão para o preceito que assim reza: "Lembra-te do Dia do Senhor para o santificares".

Porém a méra abstenção de trabalho commum, no Dia do Senhor, sem mais nada, é de pouco ou nenhum proveito, e, em muitos casos, é até prejudicial aos mais elevados interesses dos homens. Vem dar azo, a muitos, para se atascarem nos vícios mais degradantes.

E por isso a cousa mais importante não é o descanso hebdomadario, em si, mas o culto dominical. A alma despreocupada dos encargos comuns da semana, deve ser cheia de Deus. Observar o Domingo não é, portanto, cessar, nesse dia, o quotidiano labor, mas é tomar parte no culto divino com espirito reverente e fraternal. "Bom é render graças ao Senhor, e cantar louvores ao teu nome, ó Altissimo".

Porém ha um lugar, marcadamente sagrado, a que somos chamados, todos os dias, mas muito em particular aos domingos. E' a Mesa do Senhor. Além da grande festa anual da Pascoa, os hebreus ofereciam cada dia, no templo, o sacrificio da manhã e da tarde, tendo, no sabado, maior e mais solene ajuntamento de povo, desembaraçado, então, de seus mistéres ordinarios e preparado para o culto de Deus. Era um culto com sacrificio, pelo qual reafirmavam, continuamente, a sua aliança com o Senhor que os redimira.

O culto cristão é, eminentemente, um culto tam-

bem com sacrificio — o grande Sacrificio que de uma vez para sempre foi consumado no Calvario e que tem a sua visível atualização no instituto da Eucaristia.

A celebração do Santo Sacrificio em lingua que hoje é morta e estranha, ou, então, sem dignidade, em tom vulgar, com idéas mediocres sobre a sua fundamental importancia, tem assás concorrido para a irreverencia no culto publico.

Os prodromos da decadencia religiosa se manifestam em duas direções opostas. De um lado, o apego aos ritos e cerimoniaes, só pelo seu lado estético e emocional, sem se ligar á virtude que lhes deve ser inherente. E' o formalismo hipocrita, condenado, em termos candentes, pelos profetas e o proprio Divino Mestre. De outro lado, o desprezo escarninho pelos ritos e cerimoniaes, ou a sua redução ao minimo, e este mesmo tratado com menoscabo, como se possível fôra haver religião viva, religião vertebrada, sem uma idonea manifestação no dominio das cousas sensiveis. O que daí resulta é esse intellectualismo presumido e atrofiante, que vai carcomendo a seiva de certas corporações cristãs em nossos dias.

O culto em espirito e verdade não é o culto vasio de fórmulas, ou com estas em condições caóticas, mas é o culto animado de motivos espirituais, divinos, celestiais, transcendentos. E' um culto revestido de grandes pensamentos, de grandes ideais, inspirados pela fé e que, como em azas de aguias, levanta a alma acima das contingencias do mundo material, vencendo-as, transformando-as, amoldando-as ao divino ideal.

A vitoria do cristão não é alcançada por fugir ao mundo, com a alma desencarnada e nua, qual a suposta vitoria do nirvana, mas é a vitoria dos que enfrentam o mundo, travam batalha com o mundo, vencem o mun-

do, e o tornam consagrado a Deus e aos mais elevados fins da vida.

E' por isso que a mais alta forma de culto dos cristãos é a Eucaristia, em que se oferecem a Deus pão e vinho, representativos da vida em todas as suas relações terrestres, transformadas ou transubstanciadas pela real presença do Senhor, que foi oferecido de uma vez para sempre a Deus, em real e perfeita consagração em prol da humanidade.

A doutrina da *transubstanciação* será falsa, por certo, ou pelo menos ociosa, se fôr aplicada sómente ás especies eucaristicas; mas profundamente verdadeira, se abranger tambem o adorador em todo o seu ser nas suas multiplas relações, materiais e espirituais.

O atestado vivo, insofismavel, da real presença do Senhor na Santa Eucaristia, não são propriamente os congressos eucaristicos, por mais pomposos que sejam, mas as vidas transformadas, ou transubstanciadas, dos reais seguidores do Mestre.

Discutir a natureza das especies consagradas é, em geral, ocioso. Mas discutir a natureza das vidas dos que se chegam á Mesa do Senhor, ou que se inculcam como seus discipulos, isso é o que é pertinente e momentoso. E' pelas vidas santas, puras, boas e consagradas que os homens terão o atestado inequivoco da real presença do Senhor no banquete eucaristico.

Poderia Moisés ter contado mil vezes a historia da sarça ardente á sua mulher, ao seu sogro, ás suas cunhadas e aos amigos em Madian, e ter-se-iam rido dele, do seu desvario e fanatismo; poderia tê-la repetido, extasiado, aos seus irmãos e parentes no Egito, onde gemiam, escravizados, sob o latego de feitores desalmados, e a teriam achado talvez interessante, exquísita, exotica, e os mais argutos teriam explicado o fa-

to como um "caso psicologico", como diriam hoje os homens versados em assuntos de patologia mental.

Mas quando este homem, constringido pela visão divina, decide resolutamente colocar-se á frente do seu povo aflito e aviltado, expondo-se, para isso, a todos os riscos e enfados de uma empresa temeraria; quando mete mãos á obra, sem medir sacrificios, abandonando os confortos de uma vida tranquila, isenta de cuidados, para permanecer, durante quasi meio seculo a fio, em trabalhos, em privações, em vigílias e angustias, em constantes sobresaltos, sem desfalecer, sem abandonar a empresa grandiosa — ah! então ninguem mais pôde pôr em duvida a realidade daquella visão em Horeb.

Visionarios e sonhadores, o mundo está cheio deles. Mas a realidade de uma visão celestial se revela pelo teor da vida daqueles que se dispõem a traduzi-la por feitos de valor em prol da raça humana.

Nenhum impio se atreveria jámais a negar o fato estupendo da real presença do Senhor na Santa Eucaristia, e nos demais atos devocionais, se a vida de todos os cristãos professos fosse um atestado vivo da presença do Senhor com eles. Se a attitude destes fôra sempre reta, corajosa, varonil, e ao mesmo tempo respeitosa, compassiva, solícita e fraternal, não haveria então lugar para essas controversias impertinentes que tendem a desvirtuar o Santissimo Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor.

O espirito reverente de Moisés, expresso e avivado pela visão da sarça, não terminou em méro misticismo contemplativo, emocional, inocuo, mas o levou a compenetrar-se das condições aflitivas, indignas, degradantes, a que se achavam reduzidos os seus irmãos no Egito; e para lá se dirige, entra resolutamente na lida, lutando contra forças, ostensivamente superiores, e al-

cança estupenda victoria, que afetou os destinos, não só da sua raça, mas de toda a humanidade.

Se a nossa religião, hoje, não nos dá olhos para ver as condições vexatorias que ameaçam desintegrar a vida da familia, da patria e das nações; se não fortalece a nossa fibra moral para entrarmos, todos e cada um, por atos, palavras e attitudes, em uma santa, energica e impavida cruzada de reacção; se a nossa religião nos ensina sómente a virtude, muitas vezes facil, comoda e covarde, da resignação, e jarreta em nós a força moral para lutar, para reagir e tornar vitoriosa a causa da justiça e da liberdade, sem a qual nenhum povo pôde viver dignamente; ou se a nossa religião nos induz a cuidar sómente de pequeninos interesses de seitas ou de intrigas mesquinhas de campanario, e não nos leva ao campo aberto em que a sociedade dos homens se debate, em agonia, a braços com tremendos problemas que reclamam solução pronta — podemos então ter em nós a triste certeza de que a nossa religião é vã, é falha, não passando de beateiro inutil, e suporifico nocivo que compromete, perante as massas, a majestade do Cristo Rei.

Jesus pregou, é certo, a humildade, a contrição, a mansuetude, mas também a retidão, a justiça, a pureza, a coragem das attitudes imperterritas, e também soube, como conta o Evangelho, empunhar o azourrage e expulsar do templo os vendilhões.

Esta é a religião de Cristo, a religião que se inspira no Sacramento do Altar e na visão das realidades transcendentales. Religião que crê no milagre, não apenas no da real presença do Senhor em atos devocionais, e especialmente no culto eucaristico, mas também na transformação do individuo e das sociedades humanas pela atuação intelligente, reta e forte das almas crentes, inspiradas no divino ideal do reino de Deus, e sustentadas

pelas virtudes que emanam do Cristo que foi morto, e que também resurgiu, e vive para estabelecer, em lances de fé e de heroísmo, o seu império sobre as bases da verdade, da justiça, do amor e da paz, pelos séculos dos séculos.

O verdadeiro crente é aquele que, a despeito de todos os contratempos e vicissitudes, não descre do divino ideal e da sua final vitória.

O GRANDE merito de Cristo não é precisamente o de haver ensinado doutrinas novas de ordem moral. Muitos dos seus ensinamentos já se encontram nos antigos sábios hebreus e nos grandes pensadores de outros povos. O seu grande merito cifra-se, especialmente, em collocar os valores na sua respectiva ordem de hierarquia. E todo erro humano, no passado e no presente, resulta, quasi sempre, da deslocação de valores. Desorganiza-se um exercito, perdendo toda a eficiencia, quando aos capitães, por exemplo, se sobrepõem os sargentos. Sargentos e capitães são partes integrantes, necessarias e indispensaveis, da mesma milicia, mas ficam neutralizados em sua atuação por uma indebita inversão de ordem.

Valem as cousas, não somente pelo seu merito intrinseco, mas também, e muito especialmente, pela ordem em que são dispostas. E' este o grande principio que ha de ser tomado em conta em toda obra reconstrutiva, moral, politica, social ou religiosa.

Qual é, na ordem de valores, o mais alto? Qual é, na vida de um povo, o ponto de supremo interesse? Onde é que se encontra a séde do mais alto valor na vida dos homens? Que deve pesar mais na balança, o direito e o valor do individuo, ou as razões do Estado?

Ha duas maneiras de responder a estes quesitos, e que correspondem a duas orientações, diametralmente opostas, na diretriz que se pode impôr á vida nacional.

Os principios do Imperio Romano, com toda a sua portentosa maquina administrativa, estavam em flagrante

contraste com os postulados da religião de Cristo que ia avassalando as consciências. A sede mais alta de autoridade, para os cristãos, não era a que tinha assento em Roma, mas a que tinha por sede o coração do indivíduo convertido e subordinado a uma autoridade mais alta — a da consciência cristã esclarecida. Como os imperialistas romanos, eles almejavam também o conagraamento de todos os povos e raças, como uma só família universal, mas por um processo diferente — de dentro para fóra, do coração para os atos da vida externa, do indivíduo para a coletividade. Terminantemente recusaram queimar incenso ao idolo da autoridade externa, concretizado na imagem do imperador, que pretendia regê-los á revelia da autoridade interna da consciência iluminada pela luz de Cristo e pelos clarões do mundo invisível.

Para Cristo, assim como para eles, o valor supremo é o do indivíduo. A sede de toda autoridade, moral, política ou religiosa, deve ser, antes de tudo, alçada no íntimo das almas. O Estado, assim como a Igreja, é criado para o bem dos indivíduos, nos seus mais nobres e altaneiros interesses, e não o contrario. Proceder inversamente, como tantas vezes se tem feito, é estabelecer o império da besta, política ou religiosa, contra o qual lutaram, sem poupar as suas vidas, os cristãos dos dias de Nero e Domiciano.

Não se póde valorizar uma coletividade sem primeiro valorizar os indivíduos que a constituem — valorizá-los mental, moral, religiosa e socialmente.

A sede da verdadeira autoridade, com o consequente principio de unidade, ha de ser firmada mediante trabalho humilde, paciente, heroico, indefesso, no íntimo das consciências individuais. Toda obra política, social ou religiosa, que não se nortear por esta diretriz, ha de ser necessariamente falha, precaria, de efeitos duvidosos.

E' preciso que nós, no Brasil, não acreditemos de mais no suposto milagre da Revolução, como se tivéra o magico condão de realizar automaticamente todas as nossas aspirações e satisfazer a todas as nossas necessidades. A tendencia de todos os movimentos desta ordem, se não forem controlados por outras influencias mais altas que atuem nas almas individuais, é a de baixarem rapidamente ao nivel das situações anteriores.

Quando os detentores do poder, convencidos de que, por um golpe de magia, poderão remodelar todas as cousas por um pulso ferreo, pelo méro exercicio da autoridade, sem levar na devida conta a importancia dos principios emancipantes que devem ser trazidos ao foro íntimo dos homens, eles acabam por se envolver pelos proprios elementos reacionarios que pretenderam destruir. E' que tais elementos são os perpetuos defensores incondicionais de toda autoridade constituída. Foram os que desvirtuaram a Republica nos seus primordios, e são os que, hoje, ameaçam de comprometer a obra excelsa de uma revolução lançada em moldes positivamente liberais.

A grande obra, que resta a fazer em pról do povo brasileiro, é de natureza tal que independe, até certo ponto, dos homens que nos governam. O que se ha de esperar dos governos é apenas que não tolham a obra bem-fazeja e patriótica, de instilar nas almas os principios vitais que as libertem. O resto, por si mesmo ha de vir.

E' que onde houver homens retos, conscienciosos, inspirados pela fé, animados do verdadeiro espirito publico, aí não poderão subsistir os maus governos.

O valor supremo, na ordem hierarquica da vida coletiva, é o que ha de ser achado no indivíduo. E tudo o que concorra para obliterar o senso de responsabilidade do indivíduo, transferindo-o para o Estado ou para a autoridade religiosa, é funesto á obra da reconstrução nacional.

Não nos incomodemos de mais com as sédes de autoridade e ordem, no Catete, em Roma ou alhures, porém muito nos deve preocupar essa autoridade moral, civil, religiosa, que deve ter assento, prestigiada, no trono das consciências individuais. Este é o método cristão, divino, e o único que pôde transformar em gloriosa realidade as aspirações democráticas e libertárias de um povo.

O que realmente mais importa, não são os homens que se encontram á frente do Governo, porém os princípios que regem e norteiam as consciências dos cidadãos e dos habitantes do país.

Têm valor, indubitavelmente, as sédes que representam a autoridade visível e exterior; porém o seu valor é subordinado ao poder mais alto, porquanto eterno e divinal, instalado, como cumpre que seja, no sagrado recesso das consciências do maior numero de individuos.

Valorizar portanto os individuos, pela instrução, pela educação moral e civica, pelo trabalho honesto e inteligente, pela flama dos ideais impereciveis, é o unico caminho para se levar a efeito a obra, difficil porém grandiosa, do levantamento nacional.

Superstição e Fé

CONVEM não perder jamais de vista que superstição também é crença; crença porventura desviada do seu canal legitimo, desvirtuada na sua finalidade, mas ainda crença, ainda dinamismo espiritual, suscetivel de ser encaminhado para nobres fins. Contra a superstição não é remedio a incredulidade arvorada como principio, mas a crença encaminhada para o seu verdadeiro objetivo, vinculada á sua verdadeira origem.

Teve nosso Senhor palavras veementes contra a incredulidade e a hipocrisia da sua época, mas tratou com respeito as crenças menos inteligentes a que muitos aderiam. Encontrando em Jerusalem um pobre enfermo, á beira do tanque de Betesda, e que acreditava, como os demais, que de tempos a tempos descia um anjo do Senhor que revolia a agua da piscina, e que esta adquiria uma virtude salutar para o primeiro que entrasse, ele não meteu a ridiculo a fé ingenua do homem, como fariam hoje muitos que se têm na conta de espiritos emancipados, mas aproveitou-se dessa mesma crença, como de uma força preciosa, para trazer o homem á real fonte de poder.

E' mil vezes melhor uma crença rudimentar, menos avisada, do que a attitude enfatuada daquele que não crê, e que se tem na conta de superior aos demais. Mais vale um terreno inculto, coberto de hervas bravias, do que varrido, desnudo e adusto, pisado, endurecido, imprestavel para o plantio. Tal é o estado de espirito de muitos que se crêm de olhos abertos; abertos, talvez,

julgando-se deuses, mas escravos das sugestões malignas, e com o coração fechado e impenetrável às supremas realidades da vida e do ser.

Indubitavelmente errônea e superficial é a atitude dos que, dizendo-se religiosos, escarnecem do espírito reverente dos primeiros séculos da Igreja. São os que não podem crer que o poder divino se possa exercer através de cousas materiais, e negam, por isso, o valor real e concreto dos sacramentos. Cousas materiais — dizem — não podem ser revestidas de poder sobrenatural. E correm, sofregos, a citar as palavras do Senhor, de que a carne para nada aproveita, e que o espírito é o que vivifica. Mas vivifica o que? — perguntamos. Vivifica a própria carne, a matéria, o mundo, conferindo-lhe o poder da vida imperecível. Era exactamente isto o que comunicava poder ao corpo natural do Senhor. O seu corpo não sómente era saturado do espírito comum da humanidade, mas da própria divindade.

Fala-se, com uma espécie de pavor, da idéa mágica em conexão com a Santa Comunhão, como se fôra uma cousa impossível, uma idéa abominável, a da atuação divina mediante atos exteriores e elementos materiais. Deus não pôde estar presente de uma forma especialmente real — dizem eles — em um ato que toca as raízes dos nossos sentidos. Deus só pode estar presente na região abstrata da idéas, no elemento espiritual — e assim afirmam, sem ponderar, sequer, o valor escriturístico do qualificativo *espiritual*. (1)

(1) O verdadeiro sentido do termo "espiritual", no Novo Testamento, não é como em oposição ao que é material e formal, mas é equivalente de "sobrenatural", como faz ver o Bispo Gore. Espiritual não é o que é despido de forma, mas é aquilo que obedece a um poder e uma diretriz do mundo superior. O homem regenerado, o homem espiritual, não é um indivíduo espectral, fantástico, mas é o mesmo homem comum, atuado por virtudes sobrenaturais.

Não podem crer que atos mecânicos e objetos materiais possam tornar-se veículos de realidades transcendentes, em conexão com a religião, e por isso procuram despir esta o mais possível de expressões externas, afim de tornar-se, como julgam, mais espiritual. Não acreditam na virtude dos sacramentos, a não ser como representações sugestivas de valor secundário, e assim também descrem do valor da unção dos enfermos com óleo, com oração e confissão como sendo de algum proveito para a alma ou para o corpo. Porém o que é mais interessante é que, em hora de extrema angústia, não hesitam em recorrer ao charlatão, ao feitiçeiro, às cartomantes, aos invocadores de espíritos familiares, com grave prejuízo do seu equilíbrio mental e da sua inteireza moral.

Contra a crença mal fundamentada ou mal aplicada só ha um remédio: a crença bem firmada, em Cristo, nos meios de graça instituídos por ele e preconizados pela experiência multisecular da Igreja.

E' tão fácil acordar nos homens o espírito de orgulho e presunção, quanto é difícil levá-los á humildade, ao espírito de reverência e adoração! E' uma situação deplorável, em qualquer comunidade, quando cada um se tem na conta de sabio, filosofo ou mestre em teologia, disposto a discutir tudo, dando por paus e por pedras, desacreditando os sacramentos e as formas consagradas do culto — sem se aperceberem da segura doentia que vão, destarte, criando nas almas.

Longe da verdade não andava o instinto infantil do homem primitivo, atribuindo virtudes a objetos materiais, que podem adquirir forças que, de si, não possuem. E' o que, por via de ilustração, se dá com o ferro imantado. E' também o que, no domínio das forças psíquicas, se dá com as mesas que dansam e os fenomenos, bastante conhecidos, de levitação, ao influxo

de varias mentes humanas concentradas para um tal efeito. Ao cristão singelo, instruido por Cristo e pelo ensino tradicional da Igreja com a pratica dos sacramentos, não são necessarias as demonstrações sensacionais e perigosas da necromancia para induzi-lo a uma attitude reverente para com a vida, para com o mundo e a essencia misteriosa das cousas. E' que no sacrificio do Altar, como que por entre a musica das esféras e os enigmas inextrutaveis da existencia, ele aprendeu a dizer com o côro dos serafins: "Santo, santo, santo, é o Senhor Deus das celestes hostes: os céos e a terra estão cheios da sua gloria." Prosta-se, adora, confia, abre o coração ao influxo inefavel do amor divino que transforma a vida humana.

Não ha nisto antagonismo algum com o espirito genuinamente científico que estuda e aplica, para fins praticos, as leis do mundo e do ser. O verdadeiro progresso é o daquele que abraça as luzes da ciencia, sem todavia perder a attitude reverente e humilde de espirito, e como se dava na grande mentalidade de um Pasteur. Abrir porém simplesmente os olhos dos homens, sem cuidar das suas almas, sem atender pelas suas attitudes morais e espirituais, é atirá-los na voragem. O verdadeiro progresso, não é o que se faz adquirindo umas qualidades boas e perdendo outras, mas é o que se consegue por acrescimo de uma aquisição sobre outra, e conservando todas, segundo os memoraveis termos da segunda carta do apostolo S. Pedro: "Aplicando da vossa parte toda a diligencia, ajuntai á vossa fé a virtude; á virtude a ciencia; á ciencia, a temperança; á temperança, a fortaleza; á fortaleza a piedade; á piedade, o amor dos irmãos; e ao amor dos irmãos, a caridade".

A melhor benção, que se pode fruir na vida, é conhecer o inestimavel segredo da perpetua juventude e

manter sempre na alma essa frescura que cinge, como aureola de gloria, a fronte da infancia, e que inspira a poesia, o amor, a devoção. E' possuir a chave mistica que introduz ao sublime convívio com a alma do mundo, com a alma dos homens e a Alma suprema — um infinito pejado de maravilhas. "Os céos e a terra estão cheios da sua gloria".

Quando um homem simples é visto acender uma vela á beira da estrada, por motivo de qualquer devoção, e ao seu lado um outro a gloriar-se das suas proprias luzes e a escarnecer daquela fé singela e rude — merece mais respeito o homem da vela, apesar da sua ignorancia, e não o homem que se reputa em plano superior. Porque este, embora possuindo alguns segredos a mais das relações das cousas entre si, como causas e efeitos, com applicação utilitaria, falta-lhe contudo o senso de valores transcendentos e indiviziveis, de amor, de beleza e de fé. E por isso o seu espirito, embora inchado com os seus proprios conceitos, encontra-se vasio, embotado, esteril, sem vital contacto com a fonte da vida imperecível.

Apezar dos requintes todos da moderna civilização — radio, navegação aérea, arranha-céus — o mundo sente-se avelhantado e decrepito, a sociedade humana desarticulada, inquieta, ameaçadora. Não ha paz nas almas. Novos achados da ciencia não irão resolver os problemas vitais da humanidade. A maquina, idolo do homem moderno, veio agravar ainda mais o problema das classes operarias.

Não queremos de fôrma alguma depreciar o valor do progresso na vida do homem civilizado, mas apenas frizar que a felicidade humana, na realidade dos seus supremos destinos, depende menos do vulto das suas riquezas e do requinte dos seus confortos materiais,

do que das atitudes espirituais do homem com relação aos seus semelhantes e ao Ser Supremo.

Em nosso país encontra-se uma grande massa de povo eivada de ignorância e de crenças pouco inteligentes. Qual o remédio para uma tal situação? Preconizam alguns apenas o disseminar de escolas e a geral alfabetização do povo, que deve ter os olhos abertos para um conceito tal da vida e do mundo, conceito de tal forma emancipado, como julgam, de maneira a se abolir toda a crença no sobrenatural, ou com esta reduzida ao mínimo. Basta apenas a instrução, dizem. Mas um tal remédio, aplicado com o exclusivismo que alguns pregam, só servirá para agravar o mal.

O verdadeiro remédio não é de forma alguma o de fornecer luzes ao preço de demolir as crenças, mas é aquele que, aplicando com solicitude as luzes e melhorando o padrão material da vida, o faz com critério e discriminação, sem matar a frescura da alma que crê e se prosterna diante da infinita Majestade.

As crenças supersticiosas, ou menos inteligentes, encontram o seu corretivo, não com o serem suprimidas, mas na sua devida aplicação. E o sistema sacramental da Igreja, aptamente usado, com a necessária instrução, preenche admiravelmente esse objetivo. Aos indivíduos que acreditam na virtude de bentinhos, de imagens e amuletos, com prejuízo do seu equilíbrio religioso e mental, o remédio não será o levá-los á incondicional descrença na virtude do supernormal através de veículos materiais, como cousa inverosímil. Porque qualquer experiência mediunica viria, em qualquer momento, convencê-los do contrario, em dano da sua fé e da sua lealdade á Igreja. O remédio, em tais casos, não é estrangular a fé rude, que brotará, depois, de qualquer forma extravagante e infensa á religião. O remédio consiste em levar essas almas diretamente á pratica da oração, em leva-

las a Cristo, e ao uso singelo, humilde, devoto e reverente dos sacramentos, especialmente o maior de todos — a Eucaristia.

Difundir a instrução secular, com descaso pela educação religiosa e moral, será dar maior campo e armas ás hostes latentes da impiedade com todo o seu cortejo de males.

Se um alto conceito sacramental deve ser banido, como alguns pensam, por motivo das suas afinidades com crenças rudimentares, então com muito maior razão deveriam ser impugnadas as luzes da instrução, visto que, em muitos casos, têm sido o caminho para o orgulho, para a descrença, para o materialismo e a extrema corrupção.

A atitude reverente é propria dos homens simples, e também dos que pensam profundamente. Só os espiritos futeis é que encaram com leviandade ou presunção a vida, os seus tremendos problemas, os seus mistérios. Os grandes espiritos, como Moisés, Platão, Santo Agostinho e S. Tomaz de Aquino, são os que lobrigam a visão da realidade através das forças naturais do mundo e recebem a visão da sarça ardente e da cidade de Deus sobre os escombros de uma civilização que se despenha.

E essa escola moderna, que pretende instruir, mesmo em religião, á custa de banir da mente humana o espirito de reverencia, não é a escola da verdade que edifica, que constrói, não é de forma alguma a escola saudavel de Cristo. E o metodo de zombar da crença ingenua e simples dos homens, não é também o de Cristo. Mas com isto não queremos de forma alguma exculpar guias religiosos infieis que, podendo dar melhor instrução na fé ao povo, exploram-lhe a simplicidade com fins deshonestos de avareza ou predomínio.

Dizem que os homens de ciencia nada temem, nem

mesmo a morte. Ha tambem uma outra classe que vive tranquila e sempre a rir: são os idiotas, os imbecis. Uma ciencia impia é equivalente da imbecilidade, com a agravante de ser mais criminosa. Porque leva á catastrophe moral e social, sem embargo das suas pretensões de receitar, para todos os casos, algum infalivel remedio. O mundo sofre, não por falta de ciencia ou filosofismo, mas por falta de carater, por falta de moral, pela falta do senso das realidades invisiveis, e dos valores imponderaveis. Como outróra, ainda hoje é bem verdade que o temor de Deus é o principio da sabedoria.

E' indispensavel a religião na vida de um povo. Mas a religião não ha de ser propinada ás mãos inha-beis de charlatães, mas por espiritos idoneos que hauriram pelo estudo, pela oração e a pratica, o senso profundo das eternas realidades.

Não é bastante saber demolir falsas crenças, cren-dices ou abusos; é indispensavel a pericia construtiva. Um abcesso em um corpo enfermo quasi todos podem notar; porém só se entrega ao habil cirurgião a tarefa de extirpá-lo. Só este é que sabe discernir a exata lo-calização do mal, e tem a necessaria pericia para ex-trai-lo sem prejuizo da parte sã do organismo.

Combata-se a ignorancia e a superstição, mas não pelo processo estulto dos que, em nosso país, seduzidos pelo principio funesto do esforço minimo em tudo, con-verteram terras boas em verdadeiras solidões, sem humus, sem frescura, sem viço, abandonadas pelo ho-mm. Bom é o fogo, mas em seu tempo e lugar; nunca porém o fogo dos incendios e o das queimadas criminosas.

E não será com o incendio devastador da irreve-rencia e do escarneo que havemos de levar a termo, em nossa patria, uma solida obra de reconstrução em seus varios aspectos, entre os quais tem a religião, cer-tamente, a primazia.

Religião Espiritual

O DIA de Pentecostes, anualmente celebrado, convi-da-nos a tecer algumas notas a proposito do grande evento. Ha uma geral ignorancia no que toca a este fator claramente decisivo na historia da Igreja desde a sua fun-dação — o Espirito Santo. Sem nos determos sobre os axiomas teologicos que o pensamento religioso tem pro-duzido sobre o fato, consideremos apenas, nesta conexão, a Igreja apostolica e a sua experiencia culminante.

O grupo de fieis, formado pelos apóstolos e o pe-queno bando dos discipulos, aguardou, confiante, o cum-primento da promessa do Senhor. Após a Ascensão, e durante dez dias, em devoção fervente, permaneceram uni-dos no mesmo cenaculo em que fôra celebrada a primeira Eucaristia.

E o Espirito Santo desceu sobre a Igreja, não em um dia arbitrariamente escolhido, mas em um dia já con-sagrado, ha seculos, pela piedade dos crentes da antiga dispensação. A festa de Pentecostes, ao fim das mèses, era chamada a Festa das Semanas, a Festa das Colheitas, e tambem o Dia das Primicias. De toda a parte, nesse dia, afluíam para Jerusalem os adoradores do Deus de Abraão, de Isaac e de Israel. Foi exatamente nesse dia que o Espirito Santo desceu sobre a Igreja, mostrando assim como Deus se serve das velhas instituições, para conferir-lhes novo teor, mais alta significação. O que se fez com a Pascoa é o que se fez tambem com Pen-tecostes. Deus não opera com ação iconoclasta, á manei-

Tra de certos reformadores radicais, mas purifica, melhora e enobrece o que já se encontra legitimamente estabelecido para fins piedosos.

O Espírito Santo manifestou-se por meios materiais e sensíveis — o estrondo como de um vento impetuoso e as linguas do fogo que pousaram sobre os discípulos reunidos no cenáculo. O culto espiritual não é o que prescindir de fórmulas e meios materiais, mas é o que se utiliza destes para os fins transcendentais. Espiritual, portanto, não é só aquilo que é informe, invisível, processado apenas na região abstrata do espírito, mas é o que usa fórmulas e meios materiais para finalidades superiores, transcendentes. “Não podemos descobrir no Novo Testamento — diz o Bispo Gore a propósito da religião espiritual — qualquer vestígio dessa relutância em associar a ação ou a presença do Espírito com fórmulas materiais, como se observa no tradicionalismo protestante. Não se encontra na Bíblia, no Velho ou Novo Testamentos, um eco sequer do horror característico do pensamento helenico ou oriental pela *materia*, como se fôra má em si, nem pelo corpo material como sendo intrinsecamente mau ou a fonte de impureza. Segundo a Bíblia, tudo o que existe foi feito por Deus, e é por sua própria natureza muito bom. “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem lá de cima, descendo do Pai das luzes”. O pecado tem a sua origem, não no corpo ou nas forças materiais, mas na vontade pervertida ou rebelada. “O pecado é a iniquidade”. Deus não tem ódio à carne como tal. Pelo contrário, o clímax da sua manifestação é a encarnação. “O Verbo se fez carne”. Foi a “carne” humana que se fez o órgão do verdadeiro Deus. E assim, quando o Espírito desceu para dar cumprimento à presença de Cristo entre os homens, ele se corporificou em uma instituição visível, o antigo Israel reformado, com sacramentos visíveis,

o batismo da água, a imposição das mãos, o pão e o vinho da Eucaristia. Não há no Novo Testamento — continua o mesmo autor — nenhum vestígio de pavor por esta espécie de “materialismo”. Assim é que no glorioso prospecto da final consumação, não se encontra a menor sugestão de um mundo de espectros, de espíritos puros e despídos, mas a ressurreição do corpo, segundo o padrão de Cristo, e de uma “restituição” de todas as coisas — uma natureza glorificada”. (Reconstruction of Belief, 642).

E assim, apesar de todos os abusos, reais e não pequenos, a que se tem exposto o sistema cristão de religião sacramental, é este entretanto o sistema divino. E os que, alegando o propósito de seguir uma religião mais pura, mais espiritual, como julgam, desacreditam as fórmulas e amesquinham o valor dos sacramentos, vêm a cair na aridez do intelectualismo e, de queda em queda, acabam na descrença.

E assim é que a ação do Espírito, evidenciada de um modo visível e sensível pelo vento, pelo estampido e as linguas de fogo, inspirando a eficiente pregação apostólica, havia de concretizar-se ainda de um modo, por bem dizer, mecânico, visível, mediante o uso de meios materiais — o santo batismo a que seriam submetidos os conversos, e mais tarde o altar da eucaristia, em que se transformaria a mesa do repasto comum de cada habitação, onde os crentes, mesmo cada dia, perseverariam na mais alta prática devocional do “partir do pão”.

Esse espiritualismo, que despreza as fórmulas e os elementos materiais, como se fossem pecaminosos em si, ou de efeitos degradantes, não é de origem apostólica nem cristã, mas tem as suas raízes na filosofia dualista dos pagãos. E essa denúncia indiscriminada de tudo o que é formal e material, como incompatível com o espiritual,

pertence á categoria do erro que, desde bem cedo, procurou invadir a Igreja e subverter a integridade da fé. Tais eram os que, a principio, não podiam admitir a realidade da natureza humana de Cristo, pelo motivo de que a Divindade, espiritual, não podia aliar-se á humanidade presa aos laços da carne. A humanidade de Cristo, para eles, era apenas aparente, e não real. Eram os defensores, como presumiam, da espiritualidade sem mescla de carnalidade. Mas contra eles já se pronunciava, de modo peremptorio, o apóstolo S. João no fim do 1.º século, denunciando-os como falsos profetas: "Nisto conheceis o Espirito de Deus: todo espirito que confessa que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus; e todo o espirito que não confessa a Jesus (isto é, na realidade da sua encarnação), não é de Deus".

Como pois temos visto, o falso espiritualismo tentou desorientar a Igreja desde o inicio. Sem treguas, e porfiada, tem sido desde então a luta. E ainda hoje a mesma tendencia de um espiritualismo anti-cristão se manifesta sob varias fórmulas: aqui, negando a divindade de Cristo, e reproduzindo os velhos erros que a Igreja ha seculos repudiou, assinalando-os nos seus simbolos de fé; ali, negando ainda, como os discipulos de Cerinto, a humanidade real do Senhor.

A mesma tendencia se verifica, ainda hoje, sob a forma de ascetismo que faz questão cerrada, como ponto capital de consciencia, do rigoroso jejum (1) para a participação do sacrificio eucaristico, e a da exigencia, igualmente tendenciosa, do estado de celibato ao sacerdote que o deve "celebrar". E as consequencias praticas de uma tal attitude dualista ainda são mais serias:

(1) O autor é observante da abstinencia preparatoria para a Santa Mesa, e preconiza a pratica como assás recomendavel no comum dos casos.

engendra a mentalidade sofisticada que considera a religião como algo apenas de um misticismo vago, distante, divorciado da vida quotidiana, em vez de formar a mentalidade forte, sadia, que traz os grandes principios da fé a incidir sobre as momentosas questões da vida pratica. Tais attitudes, fortes, acima da maneira vulgar, como as do jejum e do celibato, são certamente aconselháveis, como saudavel disciplina de livre escolha, mas não como imposição de rigor absoluto, sugestiva de uma incongruidade inconciliavel entre o mundo natural e o espiritual. Não ha esse divorcio absoluto entre o repasto comum e o banquete eucaristico, nem entre o estado de legitimo matrimonio e o sacerdocio, porém o sobrenatural, sobrevivendo, quebranta, castiga, vence, santifica e enaltece aquilo que é de ordem legitima e natural. (2) E' indispensavel, de certo, o espirito de renuncia e a disciplina da vontade, seja qual fôr o estado ou profissão, e oxalá todos comprehendessem o valor supremo desse grande meio de graça — hoje tão esquecido! — o da mortificação e o jugulamento dos instintos subalternos! Mas uma mesma cousa póde ser feita por dois motivos diferentes: um, legitimo, saudavel, emancipante; outro, mal-são, duvidoso, tendente ao erro e a um conceito anti-cristão do mundo e da vida.

Vêm a talho, aqui, as palavras do grande pensador castelhano, Miguel de Unamuno, em um dos passos do seu livro "Del Sentimiento tragico de la Vida". "O

(2) Levianamente condenar o celibato, como é o veso de alguns — quando livremente aceito por amor de Deus e da causa do seu reino — é ignorar o espirito de Cristo e a virtude da religião divina, bem como os proprios termos do Novo Testamento. Entretanto seria aconselhavel que ao clero secular, embora com resalvas, não se tolhesse, em dadas condições judiciosas, o direito de constituir familia, deixando o rigor do voto somente ás ordens regulares.

maior serviço — diz ele — que Lutero prestou porventura á civilização cristã, é o de haver estabelecido o valor religioso da propria profissão civil, quebrando a noção monastica medieval da vocação religiosa, noção envolta em trevas passionais, ao influxo da imaginação, e fautora de terribes tragedias na vida. Lutero, que o viu de perto e o sofreu, pôde bem perceber e sentir o valor religioso da profissão civil”.

O que é condenavel, não é certamente a mais alta profissão religiosa, mas a maneira arbitraria e deshumana por que outrora se fazia, e porventura ainda hoje, em certos casos.

Porém uma das mais insidiosas formas de erro, porquanto abroquelada em formulas doutrinarias até certo ponto incontestes, é a dos que, modernamente, com ingenuidade e boas intenções, pretendem lançar á margem ou tratar com menoscabo os sacramentos e todo o culto externo, como sendo de ordem material, incongruente com a religião divina, espiritual. E as suas razões parecem tanto mais procedentes, porquanto não são poucos nem ligeiros os abusos praticados com relação aos sacramentos e aos atos externos do culto cristão. Mas o remedio, que pretendem aplicar, revela-se afinal mais funesto que o proprio mal que almejam remover. E tanto mais funesto, quanto os efeitos não se fazem sentir imediatamente; pelo contrario, parecem no momento causar um certo bem estar, uma tal e qual desenvoltura e liberdade. Mas o que estão propinando, inadvertidamente, com uma certa dosagem de verdade e de razões cabiveis, é o virus da incredulidade, do desequilibrio e da desintegração espiritual. E o final resultado é uma deformada visão de Deus e dos homens, da vida presente e do porvir, com as mais graves consequencias. Ninguem pode desvirtuar os sacramentos, sem ao mesmo tempo apagar nas almas a luz das

grandes realidades centralizadas no fato fundamental da encarnação do Verbo.

O remedio contra os abusos da religião sacramental não é repudiar nem apoucar os sacramentos, mas unicamente rehabilitá-los, enchendo de vida, com zelo e fé robusta, aquilo que, praticamente, se ha porventura transformado em formulas vãs ou de sentido equivoco.

Urge, pois, que o mal seja extirpado, mas na raiz. Processo inutil será o de esbordoar os ramos do erro, que brotarão sempre mais fortes e audaciosos. E a raiz do mal está precisamente nessa concepção dualistica e pagã do mundo, que a religião de Cristo propõe-se exatamente a eliminar, unificando o visível e o invisível, o eterno e o temporal mediante a cruz. E essa murmuração molesta contra ritos e ceremonias, outra origem não tem senão no conceito naturalistico e pagão do mundo, de onde se quer banir todo o elemento sobrenatural, ou relegá-lo para uma esfera longínqua, fóra do alcance dos homens. Mas a religião de Cristo é a religião da Real Presença, Emanuel, Deus conosco.

O abuso, a negligencia ou o menosprezo dos sacramentos tem sido, mais do que se pensa, a causa de muito transvio doutrinario. Assim como uma lesão corporal pode acarretar desordens mentais e morais, e mesmo a morte, assim tambem um desajuste nas praticas sacramentais da Igreja pode ser, e tem sido, o responsavel por crenças disparatadas, dissolventes. Tinha razão o Senhor Jesus quando colocou toda a enfase sobre o sacramento que devia ser o centro e o fóco visível da vida da Igreja. “Ansiosamente — disse ele — tenho desejado comer esta Pascoa convosco antes da minha partida”. Com toda a premeditação e extremos de carinho ele fez preparar o ambiente, com local e mobiliario adequados, de modo a gravar na mente dos discipulos uma impres-

são indelevel. E que este era o seu intento, o demonstram os seus atos, as suas atitudes, e as suas palavras incisivas. "Fazei isto em memoria de mim".

Ele não colocou a enfase, então, sobre uma formula doutrinaria, nem sobre uma classe administrativa, mas sobre um ato simbolico, sacramental, a que as demais cousas seriam subordinadas. O grande Sacramento não foi criado para valorizar e prestigiar o sacerdocio, mas o sacerdocio é que foi instituido para salvaguardar e administrar o Sacramento. O Sacramento não é subordinado ao sacerdocio, mas este é que é subordinado ao Sacramento. E' sutil certamente a distinção, mas encerra um mundo de tremendas consequências. E' a diferença entre sacerdotalismo e clericalismo de um lado, e a religião sacramental do outro. A religião de Cristo é inegavelmente sacramental, mas não necessariamente clerical, cesarista, absorvente. A questão entre sacerdocio e sacramento é apenas de enfase. Mas o erro, em muitos casos, está precisamente na enfase errada. Uma palavra é dita erradamente, não porque se lhe tenha omitido alguma letra ou sílaba, mas apenas porque se lhe mudou a posição do ponto enfatico. Assim também na religião, como em tudo mais. Percebe-se que as cousas não vão certas, não porque sejam falsas ou improprias em si, mas por se acharem deslocadas, ou invertidas, fóra da justa posição.

Assim é que a religião sacramental tem sofrido por dois lados: o dos que, para defender o Sacramento, sobrepõem-se praticamente ao proprio altar, arvorando-se em senhores, em vez de servos; e o dos que, no intento de defender um legitimo principio de liberdade cristã, caem no extremo de negar o devido valor aos sacramentos, descambiando, destarte, para o terreno falso do espiritualismo pagão e de tendencias perniciosas.

A questão é muito mais séria do que muitos imaginam. E' porventura a pendencia religiosa mais grave em nossos dias. Tenha-se pelos sacramentos o devido apreço — tratados com honra, com distinção e reverencia — e as demais questões, que dividem os crentes e enfraquecem a Igreja, se resolverão naturalmente.

Discutir primeiro questões de validade de ordens sacras ou de sucessão apostolica, para delas fazer depender a validade sacramental, é inverter a ordem divina e incorrer na confusão de Babel, em que se debatem os ramos tradicionais da Igreja, no oriente e no ocidente, sem exclusão dos proprios anglo-catholicos. A presença de Deus, como a corrente eletrica, aparece livremente, sem peias, em toda parte onde as condições se conjugam para a sua manifestação. E a unica condição, de ordem essencial, imposta por Cristo, é a que se resume nas suas palavras: "Onde dois ou tres estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles".

E' esta a pedra angular sobre que assenta, em ultima analise, a validade de toda devoção, sem exclusão dos sacramentos, que não são mais do que a devoção levada ao seu ponto mais alto. O proprio sacramento da Eucaristia, celebrado com retas intenções por um leigo, não é nulo em seus efeitos como veiculo de graça, como opina o arcebispo de York, o Dr. Temple, no seu livro "Christus Veritas", ainda que tal pratica não seja absolutamente aconselhavel, e por motivos ponderosos.

A religião espiritual não é portanto uma religião sem sacramentos, sem ritos e sem ordens, mas é a que tem todas estas cousas, porém subordinadas a Cristo e vitalizadas pelo Espirito de Pentecostes. E' livre e emancipante. Não renuncia á tradição, ao costume, á ordem estabelecida, porém sabe resistir também, em tempo, ao officialismo usurpador ou transviado, na Igreja ou alhures.

Como S. Pedro e seus companheiros, á face das autoridades, sem embargo das credenciais destas ou do seu prestigio multiseccular, sabe dizer com ousadia, em momento oportuno, sem temor de consequencias: "Importa antes obedecer a Deus do que aos homens".

A religião espiritual, movida pelo Espirito de Pentecostes, sabe acatar a tradição piedosa dos seculos, com as suas experiencias, as suas luzes, as suas ordenanças, mas não jura incondicional submissão a não ser a Deus, á verdade, e aos ditames de uma consciencia esclarecida. Sabe respeitar o principio da autoridade constituída, mas não faz dele um idolo, á sombra do qual se permitam torpezas e vilanias. E' humilde, é fraternal, porém sem abjecção, sem subserviencia; devota e reverente, mas com juízo e discriminação; trabalha com afinco pela paz e a fraternidade entre os homens, mas não foge ás atitudes fortes, não teme sofrer perseguição por amor da justiça. Tem o coração posto no alto, em Deus, na vida eterna, e por isso mesmo possui também o senso claro das realidades do presente.

HA duas especies de religião ou, para melhor dizer, de manifestações religiosas, bem distintas: a emocional e a intelectual. A primeira frisa o lado dos sentimentos: é toda calor e emotividade. Gloria-se dos seus extasis, faz garbo do seu estado interior, apraz-se em referir as suas singulares experiencias.

Mas quando mencionamos religião, queremos significar, principalmente, a religião cristã, que concretiza em si, de um modo completo, tudo o que outros sistemas possuem parcialmente de bom e verdadeiro. Porém na propria religião cristã ora prevalece um desses tipos, ora outro.

O predomínio das emoções verifica-se não somente nas prolongadas devoções dos que professam a clausura religiosa, mas também nas rezas á maneira de Canudos ou de Joazeiro do Padre Cícero, como ainda em certas seitas modernas, que pretendem, mediante os desencarnados, que invocam, uma comunicação com o mundo invisível. Ha uma infinita variedade, desde os que fazem applicações therapeuticas evocando as forças ocultas do subconciente, até os que exploram a magia de todas as côres e com intuitos diversos. E chegam alguns até ao ponto de negar, ao menos em teoria, a realidade do mundo material.

E' legitimo, sem duvida, o apelo inteligente ás emoções, e especialmente por via da imaginação. Emile Coué, nas suas obras, mostra a tremenda ascendencia que tem

*Textos de seu livro
(Adhemar)*

a imaginação, a louca da casa, no dizer dos filósofos, sobre todas as funções do espirito e do corpo.

Incalculáveis são os efeitos das emoções, quando provocadas, para o bem ou para o mal, e por isso devem ser controladas por princípios superiores e métodos racionais. Porque de outra sorte poderá levar muita gente ao desvario, ao desequilíbrio, e até mesmo ao completo ~~des~~desgoverno de si próprios. E por isso toda religião fortemente emotiva, sem salva-guardas, é de caráter suspeito.

Em contraste com esta forma de expressão religiosa sentimentalista aparece o tipo intelectual, que tudo quer ver, analisar e calcular. Em filosofia, em ciência, e nos domínios da própria arte, formúla os grandes princípios, estabelece as regras; em religião, investiga os fatos, estabelece as leis, encontra e define o dogma.

Ha uma perene disputa entre o intelectualismo e o emotivismo, particularmente em religião. Os homens do pensamento denunciam os outros como fanaticos, como desvairados, e muita vez com razão. De outro lado, os intelectualistas são impugnados, nem sempre sem motivo, pela sua algidez, a sua imobilidade, a sua incapacidade de ação. E vê-se então somente uma de duas cousas: ou uma força cega, perigosa, ou uma luz sem calor, sem poder.

E por isso vivem os dois tipos religiosos em perpetuo antagonismo. Qual será destes dois o verdadeiro? Quando buscam alguns o poder espiritual, perdem a luz e desatinam; buscando a luz, no domínio das grandes locubrações, perde-se a força! A qual destes dois tipos é que adere a religião suprema do Evangelho? Qual o seu distintivo? E' o que passaremos a mostrar.

A religião cristã não é nem emocionista nem intelectualista exclusivamente, assim como também não é es-

piritualismo abstrato nem materialismo. O seu feitio característico, e que lhe tem dado força, equilibrio e harmonia desde o seu inicio, é o que pôde ser expresso por este simples qualificativo, que exprime um mundo inteiro de gloriosas realidades, que alcançam o tempo e a eternidade: SACRAMENTAL.

A religião cristã, no dominio da historia, teve a sua expressão maxima, não na exhibição de uma verdade abstracta, mas na vida real e concreta de uma personalidade de origem humana e ao mesmo tempo transcendente — Jesus Cristo; e a sua expressão legitima, normal, vitalizante e harmoniosa, na experiencia religiosa através dos seculos, é pelos sacramentos. O tipo natural e sadio da religião, em todos os tempos, é, incontestavelmente, o sacramental, com a sua justa expressão no Altar da Eucaristia. Tudo o que daqui transvia não representa o verdadeiro espirito da Igreja. A religião sacramental é, por assim dizer, o prolongamento, na experiencia dos homens, do fato estupendo da encarnação e da redenção.

Para não entrarmos agora em maiores profundezas, diremos apenas que a religião sacramental é um admiravel conjunto em que concorrem os fatos fundamentais da Divindade e da historia, e em que entram em jogo os pensamentos mais altos, as emoções mais puras, as associações mais carinhosas, os motivos mais nobres e os ideais mais alevantados, ao mesmo passo que robustece a força da vontade e do caráter. E' adoração, é supplica, é penitencia, é ação de graças, é intercessão, é sacrificio, é sociabilidade, é remissão de pecados, é fé, é consagração; e, em summa, o ato de haurir, segundo a expressão dos Santos Padres, a poção da vida eterna.

Sempre que em religião prevalece qualquer dos primeiros aspectos, o intelectual ou o emotivo, com desprezo do seu feitio sacramental, vivem os homens em constan-

te oscilação, incertos, de um lado para outro, ora buscando emoções fortes, em perpetuas conversões e reconversões, mas nunca em geral se arrependendo da sua atitude infraternal e facciosa, ou então procurando, com crescente exigência, satisfazer um prurido mental curioso, febril, malsão, insaciável. São os que não vão buscar a Deus na Igreja, mas a retórica do prégador.

E quando prepondera o tipo religioso intelectualista, com prejuízo dos sacramentos, degenera-se facilmente no agnosticismo, como muito bem faz notar o dr. Leighton Pullan no seu livro "Religion since Reformation".

Desatrelar emoções religiosas, fácil tarefa nas massas humanas natural ou artificialmente predispostas, sem o controle do divino aparelho sacramental, é arriscar-se ás mais duvidosas consequências. Ao preço de alguns benefícios, mínimos e ás vezes de valor bem duvidoso, perde-se em geral a visão dos grandes ideais da vida e do reino de Deus.

Quando porém as emoções se despertam através dos dispositivos sacramentais, os homens mostram-se em geral humildes, reverentes, fraternais, menos dispostos ao sectarismo, mais cheios de Deus, e despreocupados de si mesmos e das suas próprias emoções. E por isso mesmo não são bulhentos, nem aferrados ao espírito de seita, como acontece no caso contrario. O que a experiência mostra é que todo o individuo sectario é, por sua própria natureza, anti-sacramental, a pretexto de professar uma religião mais elevada e mais espiritual que a dos outros.

Ha certamente essa virtude divina, que se põe em contacto com os homens, e que se chama o Espirito Santo. E' o que afirmamos no Credo: "Creio no Espirito Santo". A crença, porém, no Espirito Santo, e a sua presença nas almas dos homens, leva inevitavelmente a um outro fato, que merece muita consideração — a fraternidade

cristã e sua consumação no que se chama a Santa Igreja Catolica. A presença do Espirito Santo com os homens leva-os a promover a paz, a concordia, o amor e a ordem entre os crentes, e não a fomentar discordias e facções.

Porém o mesmo Espirito leva ainda a um outro ponto, segundo a ordem do Credo: á Comunhão dos Santos. E' opulento o sentido desta frase, significando o valor dos sacramentos para a comunhão dos fieis com Deus e uns com os outros.

O Espirito Santo leva os homens aos sacramentos, e especialmente ao Altar, onde, humildes e devotos, encontram a expressão espiritual e ao mesmo tempo visível e completa da sua redenção por Deus na cruz de Jesus Cristo, na fraternidade da Santa Igreja, e são assim aparelhados para o quotidiano serviço altruistico e para a vida eterna.

Todo o intelectualismo ou emocionismo religioso, com menospreço dos sacramentos, é de natureza geralmente egoistica, terrena, dispersiva, e a sua tendencia é invariavelmente irreligiosa, mesmo quando professa o contrario.

A verdadeira religião, humilde, devota, como a de S. Francisco de Assis, manifesta-se primeiro em reconstruir templos e restaurar os altares para o culto de Deus. E' este o caminho do equilibrio, da humildade, da ordem, é o caminho do Espirito Santo.

O remedio para as superstições populares, centralizadas em certos santuarios em que prevalece a exploração desabalada do vicio com uma pequena dosagem de religião ingenua, e que são a gangrena da Igreja, no dizer franco de um nosso amigo, ilustre medico e jornalista catolico, ha pouco falecido no Rio de Janeiro; o remedio para tais mazelas, que tanto desacreditam a religião, não é o que oferece o modernismo incredulo ou semi-crente,

Custo

mas é ainda o que se encontra no Altar, servido por ministros idôneos, á altura da sua divina vocação.

Religião que não pretende ser, como Cristo a instituiu, sacramental, mas gloria-se de ser meramente emotiva ou racional, não convem perder tempo com ela, seja qual fôr o seu nome: não é a religião de Cristo, e os seus frutos, ainda que doces no momento, amargam sempre no fim.

Tudo o que leva a provocar as emoções, com desprezo do divino aparelho sacramental, deve ser tido em conta de suspeito. Da mesma fôrma toda religião que não sabe senão discursar e dar pabulo a um prurido mental insaciavel, enfermigo, sem ministrar devidamente, com reverencia, o substancioso pão sacramental, o qual é relegado a um plano inferior, secundario, desprezível, é religião falha, insubsistente. Vive, é certo, mas á custa de constantes injeções de óleo canforado de campanhas reacionarias e demolidoras, e não a vida natural, ampla, harmoniosa, construtiva, que por isso mesmo é também humilde, sem reboliço, pujante e silenciosa, como tudo que é digno e grande.

Os prodigios de saúde, que se atribuem a Lourdes ou aos processos da "Christian Science" e quejandos, deveriam ser procurados e encontrados, "normalmente", sem prejuizo dos recursos naturais, no Altar da Eucaristia, se fosse devidamente usado, com plenitude de fé, no seu universal escopo de efeitos sobre o corpo e alma. Se os que tocavam outróra a simples orla das vestes do Senhor, recebiam beneficios de ordem material, porque não havemos de esperar, hoje, em condições razoaveis, os mesmos efeitos decorrentes do seu Corpo Sacramental? Ah! como a fé claudica, mesmo naqueles que se dizem crentes na real presença do Senhor na Eucaristia! Se cressem de-véras, não andariam a peregrinar, como pagãos ou mao-

metanos, de santuario em santuario, ou de reuniões em reuniões a fio, em attitude febril, em busca de uma benção que a Mesa do Senhor, aptamente usada, seria de molde a ministrar-lhes, juntamente com beneficios de ordem mais alta.

Desacredita-se, muitas vezes, a Mesa do Senhor, e dá-se credito ilimitado a tudo que é sensacional, de origem espuria ou de tendencia duvidosa. Resultado: o desequilíbrio mental, mesmo quando não leva ao Juqueri, o descredito da religião divina, dos seus altares, do seu culto, com o insuflamento de toda tendencia fanatica e facciosa, e finalmente a brecha aberta para a onda invasora da impiedade.

Ha um opusculo, da autoria do Conego Douglas, anglicano, sob o titulo "Spirítual Healing and Holy Communion", "A Terapeutica Espiritual e a Santa Comunhão", em que ele mostra que os processos empregados por Emile Coué e outros, e cujos beneficios ele mesmo tivera o ensejo de fruir, podem e devem ser encontrados na Mesa do Senhor. Interpelando sobre isto um dos profissionais destes processos, este respondeu: "Sim, a Mesa do Senhor poderá oferecer estes mesmos beneficios, se fôr também usada com tal fim".

Inquestionavelmente corretos são os termos do missal anglicano, quando, ao dar o sacerdote o Corpo Sacramental ao comungante, o faz, como na primitiva Igreja, em termos que claramente abrangem beneficios de ordem terrena e temporal: "O Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, que foi dado por ti, preserve "teu corpo" e alma para a vida eterna". Mais acertados ainda, parece-nos, seriam os termos de um projeto liturgico oferecido á Igreja Episcopal Brasileira e á consideração de todos os espiritos devotos no Brasil e em Portugal. A frase, aí, está vasada nestes termos: "Por seu Corpo santissimo

nosso Senhor Jesus Cristo vos “restaura” e preserva, em corpo e alma, para a vida eterna“. O que Cristo faz com os homens é, primeiramente, restaurá-los, em todo sentido, sem exclusão dos seus corpos, da sua saúde e as condições terrenas.

E’ isto, e nada menos, o que se deve esperar da religião sacramental, que crê no consorcio das realidades transcendentis com as cousas materiais e comuns da vida — justamente representadas por elementos comestíveis de água, pão e vinho, sacramentalmente usados — santificando-as, enobrecendo-as, transformando-as; transubstanciando-as, como igualmente o faz á vida humana no seu todo, na sua finalidade imperecível.

Porém a tenaz campanha de descrédito, que em certos círculos, mais por ignorância e prevenção do que mesmo por malícia, se tem movido contra a religião sacramental, tem tornado difícil, entre eles, o uso pleno e reverente dos sacramentos. Sentem um mal estar crescente, que procuram debelar com applicações cada vez mais fortes de arengas e mais arengas, em series prolongadas, ou com insolitos e ruidosos apelos á emoção facil dos homens em massa — esquecidos do meio simples, comum, humilde, sacramental e devoto, de que Deus se serve normalmente para conferir o seu Espirito e comunicar a sua graça aos homens. Fazem como os hebreus desatinados, que rejeitavam, no dizer de Jeremias, as aguas de Siloé, que correm mansamente, e preferiam as aguas grandes, tumultuosas da estranha torrente, que os poderia subverter, como de fato aconteceu, quando os submergiram no seu vortice as caudais invasoras da Assiria e Babilonia. O verdadeiro remedio é o que se encontra no uso humilde e devoto do sistema sacramental da Igreja, divinamente instituido. São estas as aguas, silentes e virtuosas, de Siloé,

que quer dizer o Enviado. Os que as procuram, sob a palavra de Cristo, não voltam jamais desiludidos.

De coração subscrevemos ás palavras de uma carta que nos dirigiu, ha meses, o dr. C. C. Edmunds, editor da revista norte-americana “American Church Monthly”: “I have no use for a non-sacramental Christianity”. “Nenhuma serventia tem, para mim, um cristianismo que não seja o sacramental”.

Não queremos, com estas palavras, induzir alguém a mudar de religião, segundo a giria popular, mas a reformar, se necessario, as suas atitudes e os seus processos religiosos.

AOS que julgam que a crença na Real Presença Eucarística em termos de *Transubstanciação* não é aceitável dentro da Igreja Episcopal, que é um dos ramos históricos da Igreja Católica, não poderíamos oferecer melhor explicação do que com as palavras do revmo. George Hodges, deão da Faculdade Teológica Episcopal de Cambridge, em Massachusetts, no seu livro "The Episcopal Church" á pagina 178. Discorrendo sobre as duas principais interpretações do rito eucarístico, *Comemoração e Transubstanciação*, eis o que ele diz:

"Cada uma destas interpretações, em termos mais ou menos modificados, tem sido aceita na Igreja Episcopal. No livro de Oração de 1549, quando os próceres da Igreja pertenciam ao que é conhecido como a Velha Escola, o presbítero, ao administrar o Pão, era instruído a dizer: "O Corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, que foi dado por ti, preserve teu corpo e alma para a vida eterna". Estava de acordo com a teoria da *Transubstanciação*. No Livro de Oração de 1552, quando os homens em maior preponderância na Igreja pertenciam á Nova Escola, as palavras foram mudadas para esta formula: "Toma e come este em memoria de haver Cristo morrido por ti, e dele te alimenta em teu coração por fé com ações de graças". Isto expressava a teoria da *Comemoração*. Mas no Livro de Oração de 1559, no reinado de Isabel, quando houve o desejo de conservar dentro da Igreja os homens de ambas as persuasões, as duas sentenças foram

postas uma ao lado da outra, como até hoje permanecem. E' isto o que representa lealmente o espirito da Igreja.

"Ainda se encontram — diz o autor — "extremistas" da direita cujas devoções correm pelo menos paralelas com a *Transubstanciação*; e ha tambem "extremistas" do outro lado, cuja posição é, em grande escala, expressa pela teoria de *Comemoração*. Mas a Igreja, em sua maioria, adere a uma *combinação pratica de ambas*".

A estas palavras simplesmente acrescentariamos que a crença na Real Presença, pertinentemente expressa pelo termo *Transubstanciação*, no sentido historico, tomistico, transcendente, e não em sentido vulgar e grosseiro, em que alguns a impugnam, absolutamente não exclue a idéa de *Comemoração*, que faz parte integrante do ato eucarístico.

A Eucaristia é, inegavelmente, uma comemoração; mas é tambem alguma coisa mais: é uma real participação do Corpo e do Sangue do Senhor, isto é, da individualidade perfeita do Salvador glorificado.

E' por isso que a Eucaristia, no proprio Livro de Oração, recebe o nome de "Santos Misterios". Ora uma simples comemoração, como a que pretendem alguns reduzir o sacramento da Santa Comunhão, nada encerra de misterioso ou transcendente! Todo o teor da liturgia eucarística, no Livro de Oração, é no rumo de fazer da Eucaristia alguma coisa mais do que um simples simbolismo ou comemoração. E se assim não fôra, não haveria, para os que crêm, com toda a Igreja Católica, na real presença eucarística, outro caminho a seguir senão o de retirar-se dos precintos da comunidade Episcopal.

Verdade é que este ramo da Igreja tolera os que não alcançaram a devida madureza de fé na Real Presença, e nisto faz bem. A caridade é paciente. Mas o que acontece, em toda parte, é que os tolerados imaginam-se ás

vezes donos e mentores exclusivos da coletividade, e pretendem lançar fóra os que representam as mais lidimas tradições da Igreja, criando-se, então, uma situação penosa e critica, a que alguns, menos pacientes, têm cedido, abandonando o redil das suas tradições. São porém casos excepcionais. A grande massa dos sacerdotes e leigos de orientação catolica, e que dia a dia avulta em numero, em poder espiritual e prestigio, no seio da Igreja do rito anglicano em todo o mundo, permanece lealmente radicada ás suas nobres tradições de fé e liberdade, como guardiães de um sagrado patrimonio em beneficio universal da Igreja e das nações.

*
* * *

Porém a corporação cristã que, por qualquer motivo, consentir em rebaixar o seu padrão sacramental, estará inexoravelmente condenada a perecer no vortice da impiedade e da dissolução em que se despenha o mundo.

Os que não podem admitir a Real Presença do Senhor, de um modo todo especial e sagrado, no ato sacramental do partir do Pão, alegando a fragilidade dos elementos comuns e precarios de que o ato se constitue, não fazem mais do que formar com aqueles que, ao contemplar na cruz o Cristo padecente, sem reagir contra os que atentavam contra o seu sacratissimo Corpo, o escarneciam: "Se tu és o Filho de Deus, desce da cruz, salva-te a ti mesmo, e creremos em ti".

Mas os que honram a Eucaristia, que não é senão o Corpo do Senhor sob os véos sacramentais, procedem como José de Arimatéa, varão justo e temente a Deus, esperando na consolação de Israel, e que tratou com a maxima honra o Corpo morto do Senhor, apesar dos ul-

trajes que lhe foram infligidos pelos impios. E na Eucarestia nós temos alguma cousa de maior valor de que o Corpo que foi assim tratado pelo piedoso hebreu: temos o proprio corpo do Senhor, vivo, glorificado, que de um modo mistico e sobrenatural se oferece aos crentes como o verdadeiro Pão da Vida.

E se alguem, fraco ou mal instruido, não póde alcançar o mesmo nivel de fé, — oh por amor de Deus e da sua propria alma! — não abra a boca a blasfemar do que não entende, mas corra para o santuario a buscar com o Senhor, e na luz da verdade que jorra da cruz, o real sentido das suas tremendas palavras, fiado na divina promessa de que "aos humildes ele ensina o seu caminho".

Mesmo nos 39 Artigos de Religião apensos ao devocionario anglicano, e confeccionados em sua forma final no reinado de Isabel em 1563, se diz claramente que a Santa Comunhão é mais do que um mero simbolo, sendo portanto um sacramento no sentido amplo, em que os fieis participam realmente do Corpo e do Sangue do Senhor.

E' porém de lamentar que o espirito de controversia, aceso como andava por esse tempo, houvesse induzidos os autores desses Artigos a lançar ao descredito um termo tão incisivo como Transubstanciação, insubstituível como expressão do fato da Real Presença do Senhor no Sacramento do Altar. Nunca se deve rejeitar uma cousa boa somente por motivo de abusos e superstições que em torno dela se formam. Mas infelizmente foi isso o que aconteceu no formulario dogmatico anglicano dos 39 artigos. E dois grandes males resultaram deste fato:

1.º — Fomentou o espirito de prevenção contra os irmãos catolicos romanos, attribuindo-lhes crenças grosseiras e carnaes que o seu ensinamento official não endossa.

E' manifestamente um mal tudo o que previne irmãos uns contra os outros. Com isto não concordarão certamente os que pretendem dividir os homens para deles tirar partido e os dominar; porém de pleno acordo estarão todos quantos almejam a ordem, a paz, o amor e a unidade dos corações em Cristo.

2.º — Em segundo lugar, enfraqueceu na propria Igreja Episcopal o senso da Real Presença, dando lugar a que muitos só enxergassem a ultima parte do artigo XXVIII, sem levar em conta a primeira, que afirma, sem equívocos, a doutrina da Real Presença, da qual o termo Transubstanciação seria, sem nenhum embargo, o mais fiel interprete.

Ha portanto, na Igreja Episcopal, como é conhecido o sistema anglicano em todo o mundo, não somente um lugar para os que professam a sua crença na Real Presença Eucarística, mas é essa, precisamente, a posição legítima dessa Igreja e que lhe confere o direito de reclamar, para si, os fóros de Catolica, apesar da onda de modernismo incredulo, ou semi-crente, que lhe bate ás portas, como em todo o orbe cristão, mas que tambem vai dando sinais certos de retroceder ante a reação, genuinamente catolica, das maiores mentalidades do seu gremio.

E ao catolicismo anglicano, purificado nessas longas porfias, em que tem exercitado mais as armas da paciência do que as da violencia repressiva, e em que tem aprendido a firmar a sua fé mais em Deus do que na perfeição da maquina burocratica, está reservado um papel conspicio na obra de unificar a Igreja e de guiar os povos pela senda da fé sem menosprezo da ciencia, e para comunicar-lhes o segredo da unidade religiosa e politica sem os perigosos processos de indebita supressão de liberdades. Apesar de todas as suas grandes fragilidades, historicas e atuais — outros não as têm menos! — está destinado a demonstrar, perante o mundo, a harmonia

mais perfeita entre os dois principios que eternamente se guerream — o de autoridade e o de liberdade.

Poderá alguém afirmar, e com grande dose de razão, que o catolicismo anglicano não passa hoje de um caos, em que mil vozes antagonicas reciprocamente se desmentem; uns crêm na Real Presença e outros a negam, e assim por deante. Mas por sobre esse caos paira, adiante, o Espirito de verdade e vida, e desse embate franco de forças livres resultará, em tempo, um tipo de catolicismo menos ferreo no seu imperialismo, porque mais experimentado, mais paciente e longanimo — crente mais no poder do testemunho da verdade do que na afirmação do principio de exterior autoridade.

E por isso quando alguém hoje escuta a voz, um tanto hesitante e confusa do catolicismo anglicano, contraditado por elementos de seu proprio gremio, e que lhe querem dar um feitiço sectario e modernista, não o despreze por isto, por motivo destas porfiadas e pungentes agonias, visto que das suas entranhas doridas, porém fecundas, têm saído portentosos movimentos encabeçados por homens da estatura de Wesley, Newman, Pusey, George Williams, Robert Raikes, Gladstone, sem falar no grande Washington da livre America, e tantos outros, que beberam na linfa anglicana os seus profundos motivos de piedade, de civismo, de liberdade e de atuação eficiente e bemfazeja.

Porém o melhor tipo de religião será o resultante da cooperação leal e franca de todos os grandes ramos da cristandade catolica, em que cada um concorrerá com o contingente das suas virtudes peculiares para o patrimonio comum e, juntos, combaterão mais eficazmente os males de que, de uma ou de outra forma, todos se resentem.

Mas enquanto não chega esse venturoso dia, em que todos os cristãos, animados de uma mesma fé robusta

e integral, erguendo o labaro da cruz por cima de todas as divisões humanas que os fazem estranhos uns aos outros, dar-se-ão oficialmente as mãos, em espirito humilde, contrito e fraternal, como pecadores redimidos pelo mesmo Sangue, e comensaes do mesmo banquete eucaristico; enquanto esse dia almejado não chega, ha entretanto algumas cousas que se podem fazer desde já, e com vantagem: substituir o espirito de critica maligna pelo de apreciação, como o faz o Abade Calvet no seu livro "Rome et Reunion"; transformar a polemica em conferencia de irmãos em torno da mesa familiar; banir toda concurrencia desleal e maliciosa e em seu lugar implantar o nobre espirito de cooperação; em lugar do preconceito malevolo que procura em tudo achar motivo de descredito, para os irmãos, usar conscienciosamente o direito sacerdotal, que cada crente possui, de interceder por eles; abrir mão inteiramente de todo intento de ilaquear e subjugar os outros, e firmar-se no divino proposito de os servir, com abnegação, com grandeza de alma, com tolerancia, com paciencia, com respeito, com amor.

Cousas são estas que, independente de arestos officiais, podem ser praticadas por homens que receberam sobre a fronte, com as aguas lustrais do batismo, a invocação do nome do Deus Trino. Quem é portador de tão altas credenciais, que a ninguem é licito impugnar, não precisa pedir licença a homens, sejam quais forem, para a sua conduta pessoal no espirito de Cristo.

Daniel, exilado em Babilonia, longe das sacras aras da religião do seu Deus, tolhido de tomar parte nas solenidades do templo, ora em ruinas, e cerceado individualmente por mil maneiras, podia entretanto fazer uma cousa que atestava a diretriz da sua alma: devotamente, tres vezes ao dia, ajoelhava-se em seu aposento, publicamente, em frente da janela aberta na direção de Jerusalem, sem

para isso pedir licença ao rei Dario ou aos grandes da corte.

Assim tambem é possivel, hoje, uma semelhante attitude individual no que concerne á lealdade e á paz que deve reinar entre os que professam sinceramente a fé cristã.

Ha, porém, alguns requisitos essenciaes e preliminares que deve ter quem se aventura a semelhante attitude, no meio de tantos odios e prevenções sectarias que empestam o ambiente e malquistam crentes sinceros uns com os outros:

Primeiro, deve ter a fé e o zelo de Daniel, que dava o primeiro lugar ás cousas essenciaes da religião, e não ás comodidades da vida cortezá.

E em segundo lugar, como Daniel, tambem não deve ter medo dos leões e o seu covil. Porque os que assumirem tal attitude hoje, aqui ou ali, podem contar certo com as intrigas dos aulicos, com algum decreto dos Medos e dos Persas que não se revoga, e finalmente com a cova dos leões.

Mas tambem casos haverá em que ha de verificar, como Daniel, que os tais leões, tão temidos, são afinal inofensivos.

*
* *

NOTA — São ainda do Rev. George Hodges, no seu livro já citado, á pag. 191, as seguintes palavras:

"A doutrina da real presença, ensinando que Cristo está presente no altar sob a fórmula de pão e vinho, descaí facilmente em superstição e, assim aviltada, rebaixa o cristão ao nivel da idolatria dos pagãos. Todavia esta doutrina é suscetivel de uma interpretação espiritual, que a recomenda aos místicos. Aquele que prometeu estar conosco sempre, se acha presente conosco, agora e aqui.

“Certo é que podemos dizer com verdade, especialmente com aquela especie de verdade que mais facilmente se expressa em prosa do que em verso, que Cristo está presente tanto dentro como fóra da Igreja, e que a noção de que ele se acha especialmente presente sobre o altar é absurda. Porém Cristo se acha presente sómente á medida que o reconhecemos, e a virtude do sacramento é precisamente esta — a de acordar em nós o senso de percepção da sua presença. Para um tal efeito combinam-se todas as condições: o silencio da Igreja, a luz atenuada, o tom da voz, as sugestões sacras do ambiente, a ascensão das preces e do louvor a um ponto sublime em que o nosso culto se confunde com o dos anjos e dos arcanjos, e tudo de molde a preparar-nos para o momento das palavras pelas quais Cristo opera a misteriosa consagração do pão e do vinho, em ordem a serem o seu Corpo e Sangue. Em um tal ambiente, e com tais auxilios, é mais facil sentir a realidade da sua presença, do que na rota comum de uma vida atarefada. Ha, pois, neste sentido, uma real presença daquele que está para sempre conosco e de um modo real. Ele habita em nós e nós nele”.

Parece-nos que devem meditar bem todos quantos, mal informados ou prevenidos por qualquer motivo, impugnem impensadamente esta doutrina, e ponderar se não estarão talvez edificando sobre a areia movediça, em vez de firmarem a sua estrutura espiritual sobre a rocha de principios cristãos inexpugnaveis.

A obra segura é a dos que se derem ao trabalho de cavar fundo, com esforço, além da crosta argilosa e falaz das controversias, para alcançar a base de granito em que a Igreja de Cristo solidamente se edifica. Veja, pois, cada qual como pensa e procede!

redemim

EM plena Semana Santa, os nossos pensamentos devem repousar do torvelinho das questões sociais e politicas para se firmarem, sem distrações, sobre os fatos de ordem transcendente.

O maior mal, que nos ameaça, não é apenas a ausencia de religião, de que certos individuos fazem garbo, mas ainda a religião diluida e deturpada, que outros professam e preconizam como sendo a religião que mais convém á época. E' que o espirito malsão das controversias e das paixões sectarias obumbrou-lhes inteiramente os olhos para as visões das realidades celestiais. O que eles têm conseguido, com as suas estultices e blasfemias, é criar um ambiente de ceticismo, de irreverencia, de presunção e de impiedade. Inculcam-se alguns como chefes, com palavras untuosas, mas para o efeito de ilaquear os incautos, ignorantes da verdadeira doutrina cristã.

Ao profeta Ezequiel foi mostrada, em visão, uma série de abominações idolatras que se faziam em conexão com os atos devocionais. O culto de Jeová estava sendo deturpado por praticas supersticiosas do paganismo.

Mas onde a abominação culminou, tocando o auge da execração, foi quando o vidente, levado ao atrio interior do templo, viu certos homens, em atitude de adoração, mas com as costas voltadas para o templo e o altar. Estavam adorando o sol nascente.

Outras abominações eram o resultado da ignorancia e da superstição. Eram detestaveis, sem duvida, e de

protegiam
efeitos degradantes. Porém, esta ultima, exhibia certos aspectos que a tornavam mais repulsiva que as outras, como passaremos a vêr.

Era, primeiramente, uma attitude deliberada daqueles impios, que se abroquelavam com principios religiosos. O templo e o altar de Deus não lhes mereciam mais consideração alguma, e por isso voltavam-lhes as costas. Era uma attitude insolente, profana, escarninha.

E em segundo lugar havia a circumstancia, agravante, da sua pretensão de estarem prestando um culto mais inteligente, de acôrdo com a natureza. Possivelmente a sua attitude pretendia ser de protesto contra os abusos constantes das outras abominações, que foram vistas pelo profeta.

E' muito comum, com os homens, pretenderem curar um abuso com outros de mais graves consequencias. Era exatamente o que acontecia com estes homens, que adoravam o sol nascente, com as costas voltadas para o altar.

Ha tambem, no moderno cristianismo, um cortejo de aberrações que o degradam. Ha o espirito de autoritarismo, qual o que o profeta viu na estatua do ciume, collocada á entrada do templo. O idolo do mandonismo, o espirito de dominação, sobrepondo-se ao de caridade, de tolerancia e de serviço humilde e de amor, tem sido um forte elemento dissolvente da religião do Príncipe da paz.

Ao lado do idolatrico zelo da autoridade externa, arvorada como principio supremo e incontrastado, enxameiam as credices e praticas supersticiosas, que comprometem em seus foros de nobreza a religião cristã.

Males são estes, reais hoje como no tempo do profeta Ezequiel, e que reclamam reforma, qual a que o profeta inculcava aos fieis que retornavam do exilio. Mas a reforma, preconizada pelo profeta, não visava demolir

o altar, nem abolir o sacerdocio, por motivo de abusos populares ou de serventuários indignos. O que pretendia era expurgar de abusos o culto de Deus, e entregar as sagradas ordenanças a homens de idoneidade moral e espiritual.

Porém o que lhe causou maior horror foram estes homens, arrogantes, pretenciosos das suas luzes e desdenhosos de toda a tradição que assinalou as vidas piedosas de seus maiores, que em toda parte erigiam altares e ofereciam sacrificios. Para elles, homens enfatuados, essas cousas pertenciam ao numero de superstições e velharias. O seu culto não era o da religião revelada, focalizada no altar e no sacrificio, mas o culto naturalista, que tinha como simbolo o sol nascente. Era o culto dos phenomenos e dos instintos naturais, eliminada toda idéa do sobrenatural nas crenças e nos atos religiosos.

E' este tambem o maior perigo que ameaça subverter a religião e a sociedade nos tempos modernos. São os que querem reformar a religião, abolindo-lhe os abusos da prepotencia e da superstição, mas roubando-lhe, ao mesmo tempo, o que ela tem de mais sagrado, profundo e essencial — a idéa de altar e sacrificio.

Uma religião sem sacrificio, sem altar, sem sacerdocio, é uma religião vasia, sem base, que leva para a impiedade e para o dominio dos instintos desenfreados. Esta é a grande verdade, que é mistér que se diga, alto e bom som, apesar da grita infernal dos adoradores do sol nascente, e que se apresentam como paladinos das luzes, do progresso e da liberdade. São eles, precisamente, os maiores inimigos da verdadeira religião, que tem como centro o sacrificio e como fóco de luz e de vida o altar cristão.

Vede-os, no seu inglorio afã, a eliminar dos seus templos e das suas devoções o simbolismo da cruz, e o do altar, prégando um novo sistema que reputam mais inte-

ligente, mais humano, mais confortavel. Verdade é que se conservam ainda nas cercanias do templo e do altar, mantendo talvez ainda em suas formulas doutrinarias a idéa do sacrificio do Calvario. Mas a sua attitude, revelada por atos exteriores, é a dos que têm as costas voltadas para o templo e o altar.

A Santa Semana, pondo em evidencia o grande sacrificio de Cristo no Calvario, é um solene protesto contra o modernismo dissolvente e todas as fórmulas de doutrina e de culto que rejeitam ou menosprezam a cruz e o sacrificio como fulcro de luz, de vida e de unidade.

E' relativamente facil remediar os males da prepotencia e da superstição; mas é muito difficil recambiar os que, inflados da vaidade do seu suposto saber, voltam as costas ao altar e têm os rostos assestados para o sol do mundo que lhes promete gozos, alegria, prazeres, prosperidade. Os devotos desse culto são os que lançaram o mundo na grande guerra e ameaçam precipitar de novo a sociedade no caos de misérias inauditas.

E aqui fica um solene aviso para os que pretendem reformar os abusos da religião, mas de maneira desastrada, com attitudes que levam as almas á descrença e ao sorvedouro do mundo.

As verdadeiras reformas são as que se fazem, quais as que o profeta Ezequiel propunha — com a face voltada para o templo, para o altar, no qual a Santa Eucaristia, tida em grande honra e apreço, torna conspicuo, dignificado e applicavel ás almas enfermas, o sacrificio do Calvario que foi de uma vez para sempre consumado.